

**TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA,
ENFRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA**

TRAJECTORIES AND CHALLENGES OF WOMEN MOTHERS IN EJA: AUTONOMY,
CONFRONTATIONS AND DAILY RESISTANCE

TRAYECTORIAS Y DESAFÍOS DE MUJERES MADRES EN EJA: AUTONOMÍA,
ENFRENTAMIENTOS Y RESISTENCIAS COTIDIANAS

Ana Cláudia de Jesus¹ <https://orcid.org/0009-0007-8858-1506>
Lívia Andrade Coelho² <https://orcid.org/0000-0003-0859-0271>

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus, Bahia, Brasil; acjesus.pdg@uesc.br

² Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus, Bahia, Brasil; livia@uesc.br

RESUMO: A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) tem sido historicamente negligenciada pelo poder público em termos de organização e oferta. Além disso, enfrenta desafios que vão além do campo educacional, uma vez que atende majoritariamente as classes populares e é marcada por um currículo excludente, reproduzindo um viés que remonta ao período colonial. Trata-se de uma modalidade educacional complexa, que demanda uma abordagem específica devido à sua forte dimensão sócio-histórica, política e cultural. Diante desse cenário, optamos por investigar as histórias de vida de mulheres mães que são estudantes da EJA, abordando suas dificuldades, projetos de vida e os obstáculos cotidianos que enfrentam para continuar estudando. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica por meio do Google Acadêmico, utilizando os descritores "Mulheres", "Mães" e "EJA". Esse levantamento inicial resultou em 26 artigos, dos quais selecionamos cinco para leitura e análise integral, por atenderem ao objetivo do estudo. Entre os autores que fundamentaram a discussão estão Arroyo (2003; 2007; 2011); Eiterer, Dias e Coura (2014); Freire (1979) e Pacheco (1998). O estudo revelou que a trajetória das mulheres mães estudantes da EJA é marcada pela pobreza e pela dupla ou tripla jornada de trabalho, uma vez que, em sua maioria, são negras ou pardas e têm inúmeras responsabilidades diárias, como cuidar da casa, dos filhos, trabalhar fora e ainda buscar forças para estar na sala de aula no período noturno. Ademais, elas enxergam na educação uma via para conquistar autonomia e elevar sua autoestima, pois a escola se torna para elas um espaço de socialização e de valorização enquanto sujeitos.

Palavras-chave: EJA; Direito; Emancipação.

ABSTRACT: Youth, Adult and Elderly Education (EJA) has historically been neglected by the government in terms of organization and provision. Furthermore, it faces challenges that go beyond the educational field, since it mainly serves the working classes and is marked by an exclusionary curriculum, reproducing a bias that dates back to the colonial period. It is a complex educational modality that demands a specific approach due to its strong socio-historical, political and cultural dimension. Given this scenario, we chose to investigate the life stories of mothers who are EJA students, addressing their difficulties, life projects and the daily obstacles they face to continue studying. To this end, we conducted a bibliographic search through Google Scholar, using the descriptors "Women", "Mothers" and "EJA". This initial

survey resulted in 26 articles, of which we selected five for full reading and analysis, as they met the objective of the study. Among the authors who supported the discussion are Arroyo (2003; 2007; 2011); Eiterer, Dias and Coura (2014); Freire (1979) and Pacheco (1998). The study revealed that the trajectory of women students at EJA is marked by poverty and double or triple working hours, and that the majority of them are black or mixed-race and have numerous daily responsibilities, such as home care and of children. work in open air and also find the strength to be in class at night. Furthermore, see education as a way to gain autonomy and raise your self-esteem, so that the school becomes suitable for them in a space for socialization and appreciation as individuals.

Keywords: EJA; Law; Emancipation.

RESUMEN: Históricamente, el gobierno ha descuidado la educación de jóvenes, adultos y personas mayores (EJA) en términos de organización y provisión. Además, enfrenta desafíos que van más allá del ámbito educativo, ya que atiende principalmente a las clases trabajadoras y está marcado por un plan de estudios excluyente, reproduciendo un sesgo que se remonta al período colonial. Se trata de una modalidad educativa compleja que exige un enfoque específico por su fuerte dimensión sociohistórica, política y cultural. Ante este escenario, optamos por investigar las historias de vida de madres estudiantes de EJA, abordando sus dificultades, proyectos de vida y los obstáculos diarios que enfrentan para continuar estudiando. Para ello se realizó una búsqueda bibliográfica a través de Google Scholar, utilizando los descriptores "Mujeres", "Madres" y "EJA". Esta encuesta inicial resultó en 26 artículos, de los cuales seleccionamos cinco para lectura y análisis completos, ya que cumplían con el objetivo del estudio. Entre los autores que apoyaron la discusión se encuentran Arroyo (2003; 2007; 2011); Eiterer, Dias y Coura (2014); Freire (1979) y Pacheco (1998). El estudio reveló que la trayectoria de las estudiantes de la EJA está marcada por la pobreza y el doble o triple de jornada laboral, y que la mayoría de ellas son negras o mestizas y tienen numerosas responsabilidades diarias, como el cuidado del hogar y de los niños. trabajar al aire libre y también encontrar fuerzas para estar en clase por la noche. Además, ven la educación como una forma de ganar autonomía y elevar su autoestima, de modo que la escuela se convierta para ellos en un espacio de socialización y valoración como personas.

Palabras clave: EJA; Derecho; Emancipación.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino essencial para atender pessoas que, por diferentes razões, não puderam concluir a educação básica em sua idade regular. Representa uma oportunidade de reinserção educacional, especialmente para aqueles que enfrentam contextos marcados pela exclusão social, como mães solo, trabalhadores informais e indivíduos em situação de vulnerabilidade econômica (Soares; Gionanetti; Gomes, 2005).

Diante dessas reflexões, tomamos como análise neste artigo o perfil de mulheres, mães e estudantes da EJA. Para tanto, realizamos uma investigação bibliográfica, fundamentada em estudos acadêmicos, para traçar um perfil dessas estudantes, identificar suas principais

características e analisar suas expectativas em relação à escola. Utilizamos o *google* acadêmico como local de busca dos artigos, tendo como marco temporal o Plano Nacional de Educação do ano de 2024. Essa escolha se deu por entender que a meta 8 desse plano destaca a importância de elevar a “escolaridade média da população de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 (doze) anos de estudo no último ano de vigência deste Plano [...]” (Brasil, 2014). Em outras palavras, a meta é elevar a qualidade da educação no Brasil, com foco no público da EJA, especialmente no que diz respeito “a populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% (vinte e cinco por cento) mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)” (Brasil, 2014). Assim sendo, a meta 8 estabelece diretrizes que buscam assegurar a universalização do pleno acesso à educação.

Segundo Arroyo (2005), a EJA deve ser concebida como um espaço que reconheça a singularidade dos sujeitos que a compõem, considerando suas trajetórias, vivências e desafios cotidianos. Essa modalidade transcende a mera instrução formal, tornando-se um instrumento de promoção da cidadania, da autonomia e da inclusão social. No entanto, historicamente, a EJA tem enfrentado desafios estruturais e de políticas públicas, como descontinuidade nos investimentos, ausência de recursos específicos e altas taxas de evasão escolar (Brasil, 2014).

Diante de reflexões desse contexto, fomos motivadas pela necessidade de compreender as histórias de vida das mulheres que participam da EJA, especialmente mães, cujas jornadas são marcadas por múltiplos papéis e dificuldades. Compreendemos que essas mulheres encontram na EJA não apenas uma oportunidade de aprendizagem, mas um caminho para o empoderamento, a melhoria de suas condições de vida e a valorização pessoal. Muitas vezes, partem para o entretimento e resistências no cotidiano da vida para conseguir um capital cultural e ter dignidade humana (Moreira, 2022).

Além de ampliar o debate sobre o tema, este artigo busca contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas que efetivamente garantam o acesso, a permanência e o sucesso educacional dessas mulheres, reconhecendo a EJA como espaço de promoção da equidade educacional e social no Brasil.

Algumas inquietações e reflexões sobre a EJA

O campo de estudos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) oferece uma oportunidade fundamental para refletir sobre os processos de exclusão vividos por mulheres mães, especialmente no que tange aos desafios de conciliar responsabilidades familiares, trabalho e a

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRETAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

busca por educação. Esses desafios são amplificados por barreiras socioeconômicas e culturais que frequentemente resultam em evasão escolar e na limitação das oportunidades dessas mulheres. Nesse contexto, torna-se essencial discutir a implementação de políticas educacionais inclusivas que considerem as especificidades desse público, promovendo apoio e condições para sua permanência na escola (Arroyo, 2003).

A exclusão social, conceito multifacetado e amplamente debatido, reflete desigualdades que vão além da ausência de acesso à educação. Paugam (1994) caracteriza a exclusão social como um "conceito horizonte", que abrange diversas formas de marginalização e pode ser usado para descrever múltiplos problemas sociais. De forma complementar, Gaulejac e Taboada-Leonetti (1994) destacam que, desde o final da década de 1970, fatores como o enfraquecimento dos laços comunitários, a precarização do trabalho e a redução da capacidade de instituições intermediárias, como escolas e sindicatos, de promoverem valores coletivos têm contribuído para um aumento da exclusão. Nesse cenário, a valorização dos indivíduos é frequentemente reduzida à sua utilidade econômica, medida pelo rendimento financeiro ou pelo poder de consumo, perpetuando desigualdades estruturais.

A EJA atende a um público historicamente invisibilizado e marginalizado, formado majoritariamente por mães com múltiplas responsabilidades, que encontram na educação uma oportunidade de transformação pessoal e social. Essas mulheres, muitas vezes chefes de família e dependentes de programas de assistência social como o Bolsa Família, enfrentam condições econômicas adversas, o que reforça a importância de políticas públicas que garantam não apenas o acesso, mas a permanência na escola (Moreira, 2022).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n.º 9.394/1996) (Brasil, 1996) foi um marco na história da EJA ao reconhecê-la como modalidade da Educação Básica. Em seu Art. 37, destaca-se que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Com esse reconhecimento, a EJA passa a ter respaldo legal para oferecer uma formação que leva em consideração as especificidades dos estudantes adultos, promovendo o direito à educação ao longo da vida e incentivando políticas educacionais voltadas à inclusão e valorização de pessoas que retomam seus estudos após períodos de interrupção.

Apesar desses avanços legais, a realidade da EJA ainda é marcada por desafios significativos, como o esvaziamento progressivo de suas turmas, afirma Moreira (2022). É urgente que o governo identifique as causas desse fenômeno e implemente políticas públicas eficazes que ofereçam condições e incentivos para que as pessoas retornem à escola. As demandas desse público vão além da formação escolar tradicional; para muitos estudantes, a

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

EJA significa dignidade, autonomia e a capacidade de realizar atividades cotidianas, como ler a Bíblia, ensinar os netos ou entender placas e bilhetes. Tais conquistas, aparentemente simples, representam profundas transformações na autoestima e na percepção de pertencimento social desses sujeitos. Como observa Pacheco (1998, p. 980):

Uma exclusão social que abrange uma dimensão ampla de circunstâncias, como pobreza, discriminação ou desigualdade, formas precárias de inserção no setor terciário, e exclusão das oportunidades para desenvolver outras ocupações [...] limitando o acesso a oportunidades de aperfeiçoamento ou treinamento para elevar sua qualificação e entrar no mercado de trabalho formal da economia.

Como bem observa o referido autor, essa exclusão limita o acesso à educação e a oportunidades de qualificação profissional, perpetuando ciclos de desigualdade. Nesse sentido, os estudantes da EJA buscam não apenas conhecimentos e habilidades, mas também oportunidades para alcançar seus sonhos e construir um futuro melhor para si e para as próximas gerações. A educação torna-se, assim, um instrumento indispensável para romper barreiras históricas e criar novas possibilidades de inserção social.

Caminho metodológico do estudo

O papel do pesquisador é servir como um canal inteligente e ativo entre o conhecimento já construído na área e as novas evidências que serão estabelecidas pela pesquisa. É por meio de seu trabalho que o conhecimento específico sobre o tema avança, mas esse processo está impregnado pelas particularidades do próprio pesquisador, inclusive e principalmente por suas definições políticas. Como bem afirmou Rubem Alves (1984, p. 10), “todo ato de pesquisa é um ato político”. Dessa forma, não há uma separação rigorosa e imparcial entre o pesquisador e seu objeto de estudo, tampouco entre ele e os resultados que serão gerados.

Este artigo é o produto de uma pesquisa bibliográfica com enfoque investigativo, motivada por uma inquietação em relação a uma área específica do conhecimento, que suscitou indagações e questionamentos a respeito de um tema que demanda maior aprofundamento. Nessa busca, o pesquisador recorre a fontes confiáveis e relevantes, com foco, neste caso, em artigos científicos. A partir dessa análise, o trabalho foi tomando corpo e se estruturando, aproveitando a acessibilidade dos artigos publicados em periódicos, que oferecem fontes primárias, secundárias e terciárias. A pesquisa bibliográfica também facilita a organização e a disciplina, pois exige que o pesquisador siga etapas rigorosas, tais como a definição do tema, o



TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

levantamento bibliográfico (em fontes confiáveis, como internet e bibliotecas), a formulação do problema, a seleção e organização das fontes, o fichamento, a análise e a interpretação dos textos.

Optamos pela pesquisa bibliográfica ao analisar a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois ela nos levou a questionar sobre as histórias de vida dos sujeitos envolvidos: suas expectativas, sonhos e desafios diários. Em especial, interessamo-nos pelas mães estudantes que, além de uma jornada árdua de trabalho, ainda cumprem as tarefas domésticas em suas casas. Muitas dessas mulheres trabalham como diaristas e, após o labor diário, enfrentam mais um turno de atividades acadêmicas, movidas pela vontade de vencer e crescer. Surge, então, a necessidade de abordar as histórias dessas mães, trabalhadoras e estudantes da EJA, que lutam para transformar suas vidas e as vidas de outros.

Partimos do princípio de que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas; pessoas transformam o mundo” (Freire, 1979, p. 84). Nesse sentido, acreditamos que a educação é uma ferramenta poderosa de emancipação, especialmente para as mulheres mães da EJA, que buscam na formação acadêmica uma oportunidade de superação e autonomia. Ao oferecer a essas mulheres o acesso ao conhecimento e a espaços de socialização, a educação as capacita a enfrentar desafios sociais e econômicos, potencializando-as como agentes de transformação em suas próprias vidas e na sociedade.

Pela profundidade e sensibilidade do tema, decidimos aprofundar em uma pesquisa bibliográfica baseada em artigos acadêmicos publicados nos últimos dez anos, com o intuito de dar visibilidade e reconhecimento a esse público tão frequentemente esquecido. Esse marco temporal, toma com ponto de partida a data de implementação do Plano Nacional de Educação de 2014. A pesquisa foi realizada por meio do Google Acadêmico, utilizando os descritores: Mulheres; Mães; EJA. Com esses descritores, identificamos 26 artigos, dos quais cinco foram selecionados para leitura e análise integral, conforme destacados no quadro a seguir, pois esses atendiam diretamente aos objetivos deste estudo.

Quadro 1 - Artigos Selecionados

Título do artigo	Autores/as	Ano de Publicação	Objetivo com o artigo
Trajetória de Escolarização de Mulheres inseridas na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA em Vitória da Conquista	Rosane Silva de Jesus; Núbia Regina Moreira	2019	Problematizar a articulação entre a desigualdade sócio-educacional e a trajetória de escolarização das Mulheres inseridas na EJA

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

Mulheres e EJA: os desafios e as condições de ser mulher e estudante na Educação de Jovens e Adultos	Veida Allegra de Ribeiro Cruz; Neilton Castro da Cruz	2020	Analisar experiências de mulheres na condição de estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA
Mulheres da classe trabalhadora na EJA: processos de conciliação escolar e laboral	Maria Cláudia Mota dos Santos Barreto; Gilvanice Barbosa da Silva Musial.	2021	O objetivo deste artigo é discutir a inserção de mulheres da classe trabalhadora na EJA, considerando as relações entre trabalho feminino e educação e as especificidades das mulheres estudantes.
A trajetória de mulheres estudantes da Educação de Jovens e Adultos: um olhar para as questões de gênero	Eliane Caetano da Rosa; Edimar Fonseca da Fonseca; Maicon Quevedo Fontela	2023	Analisar a trajetória de vida de mulheres com idade aproximada ou superior aos trinta anos, estudantes ou concluintes da modalidade de ensino EJA, buscando compreender a sua percepção quanto às questões de gênero e seu impacto na vida escolar e entender os motivos da evasão escolar por mulheres durante a infância e adolescência e as implicações de gênero no processo; os motivos do retorno e as dificuldades encontradas no percurso
Um estudo sobre as trajetórias escolares e o exercício laboral das trabalhadoras estudantes da EJA	Elisana da Paixão Gomes	2024	Analisar as trajetórias escolares das estudantes da EJA e suas conexões com o exercício laboral

Fonte: Google acadêmico

Nos tópicos a seguir, discutiremos os dados obtidos, organizados em duas seções: na primeira, abordaremos as características das mulheres/mães estudantes da EJA; na segunda, exploraremos as expectativas que elas depositam na escola.

As características das mulheres/mães estudantes da EJA

De acordo com dados do IBGE, entre 1992 e 2012, o índice de analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais de idade diminuiu consideravelmente. Esse avanço é relevante, pois indica que, apesar dos problemas persistentes de marginalização educacional desse grupo, houve progressos nas taxas de alfabetização. No entanto, os desafios ainda são numerosos e variados, afetando especialmente as mulheres. Segundo o Censo Escolar (Inep, 2023), elas representam 51,9% dos alunos da EJA, correspondendo a 1,3 milhões de estudantes.



TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

Em relação ao perfil desse público, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), por meio do Departamento de Educação de Jovens e Adultos, desenvolveu uma coleção de cadernos intitulada “Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos”. Um desses materiais, que explora o perfil das alunas e alunos da EJA, ressalta que a visão de mundo de uma jovem que retorna à escola é distinta da de quem estudou na idade regular. Essa jovem carrega peculiaridades adquiridas durante o período em que esteve afastada do ambiente escolar.

Historicamente, as primeiras reivindicações femininas, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, marcaram a trajetória da mulher brasileira na educação, refletindo sua transição do espaço privado para o espaço público. Além disso, para Jesus; Moreira, (2019, p. 7125), necessário destacar que “[...] ao longo da história brasileira, desde a colonização à República, não se dava quase ou nenhuma importância à educação feminina. A mulher era relegada exclusivamente ao confinamento doméstico”.

Na sociedade contemporânea, a posição da mulher mudou: muitas são provedoras de seus lares, e o homem deixou de ser visto como o único responsável pelo sustento da família. Dados do IBGE (2022) mostram que, entre as mulheres a partir dos 15 anos, a principal razão para o abandono escolar é a necessidade de trabalhar (24,0%), seguida pela gravidez (22,4%) e pela falta de interesse (21,5%). Além disso, 10,3% das mulheres relataram que deixaram a escola para realizar afazeres domésticos ou cuidar de pessoas, enquanto esse percentual entre homens é insignificante (0,6%).

Ao examinar a literatura, compreendemos a EJA como uma modalidade que abrange contextos históricos, sociais, culturais e econômicos, com forte ligação ao ingresso precoce no mercado de trabalho. Muitos adultos, entre 20 e 75 anos, procuram a EJA após passarem por experiências de evasão e repetência no ensino regular. Isso por que, segundo Cruz; Cruz (2020, p. 504) “[...] muitas vezes, a obrigação de chefe de família pode se mostrar mais imperativa do que a de estudante. E, na impossibilidade de conciliação entre o tempo de estudar e o de trabalhar, a interrupção da trajetória escolar certamente tende a acontecer”.

Nesse contexto, Arroyo (2007, p. 7) reforça que “a EJA tem que ser uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas”. No entanto, a escola ainda enfrenta dificuldades para reconhecer e valorizar a bagagem que cada estudante traz consigo, focando-se frequentemente em planos e conteúdos pedagógicos que, em geral, estão descontextualizados e carecem de relevância para os educandos da EJA.

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

Segundo o autor, é essencial que a EJA considere os aspectos individuais e o contexto social, cultural, econômico e histórico dos alunos, para que o processo de ensino-aprendizagem seja significativo. A EJA possui uma forte conexão com o trabalho, especialmente para as mulheres, que se empenham em seus estudos como um caminho para conquistar autonomia. Para Barreto e Musial (2021, p. 221):

No que diz respeito às mulheres, o nível de instrução desponta como um requisito de maior impacto quando comparado aos homens. No ano de 2018, o índice de participação na força de trabalho das mulheres que têm o Ensino Superior completo apresenta o valor 2,6 vezes maior que a taxa de mulheres sem instrução ou com Ensino Fundamental incompleto. Quando se trata dos homens, os que são mais escolarizados é 1,5 vez maior que os que dispõem de uma menor escolarização.

No entanto, elas precisam superar os obstáculos diários que as levaram, ainda no ensino regular, a abandonar a escola. Ao refletir sobre essa realidade, percebemos que muitos desses desafios, como o trabalho desde a infância e a necessidade de subsistência, afastaram essas mulheres do direito à educação e ao desenvolvimento de suas potencialidades. Contudo, como bem sinalizam Rosa *et.al.* (2023, p. 4), “percebe-se que embora necessitando avançar ainda mais, mas houve mudanças históricas na sociedade, pautada nos espaços de luta e resistência das mulheres, e que conseqüentemente na educação ocorreu uma ampliação de acesso e permanência das mesmas, sendo esses escolares e não escolares”.

Ainda, Reis (2009, p. 110) destaca as adversidades enfrentadas por esse grupo, que incluem:

A inadequação da estrutura da escola noturna para os jovens e adultos; o trabalho que rouba, cada vez, mais tempo; o sono, devido ao cansaço físico; a família que ficou em casa; problemas de saúde; a busca por melhores condições de vida em outros cantos do país; o medo de errar; entre outros.

Diversos fatores levaram essas mulheres a abandonarem os estudos e retornarem às suas rotinas diárias, como, por exemplo, o citado por Barreto e Musical (2021, p. 222) “as peculiaridades do público feminino, para além das atividades laborativas remuneradas, abrangem também a dimensão familiar, que perpassa o trabalho doméstico e o cuidado a outras pessoas”. No entanto, elas possuem uma força imensurável que as impulsiona a persistir na busca de seus sonhos e objetivos. As múltiplas responsabilidades, somadas ao desgaste físico e emocional provocado pelo trabalho diário, fazem parte da realidade que elas enfrentam. Cientes de suas lutas e desafios, essas mulheres, que antes careciam de autonomia e oportunidades de escolha, agora desejam afirmar-se na sociedade como protagonistas de suas próprias vidas e buscam qualificação profissional. Para que isso seja possível, é fundamental que o Estado

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

brasileiro garanta não apenas condições de acesso, mas também políticas de permanência e oportunidades que possibilitem a construção de um futuro mais digno. Nesse sentido, Moura destaca que:

A educação profissional e tecnológica comprometida com a formação de um sujeito com autonomia intelectual, ética, política e humana exige assumir uma política de educação e qualificação profissional que não vise adaptar o trabalhador e prepará-lo de forma passiva e subordinada ao processo de acumulada economia capitalista, mas, sim, que esteja voltada para a perspectiva da vivência de um processo crítico e emancipador e fertilizador de outro mundo possível (Moura, 2006, p. 10).

De acordo com a fala de Moura (2006), a educação tanto profissional como tecnicista para esses sujeitos de direitos, deve ser completa na sua formação, preparando essas pessoas para serem agentes de suas vidas e competirem no mundo profissional de igual para igual, com um indivíduo que teve um processo de escolarização regular.

Além disso, nos artigos selecionados destaca-se no perfil dessas mulheres que se trata de pessoas responsáveis por cuidados com o lar e os filhos, pobres, analfabetas, afrodescendentes, idosas com maior vulnerabilidade no país, que recebem salário inferior aos homens, mesmo exercendo as mesmas funções.

Estiveram até então à margem do sistema escolar por ausência de condições de nele permanecer durante a infância ou adolescência, como já destacado até aqui. Muitas delas nunca frequentaram a escola, tiveram que se afastar cedo por motivo de ter que entrar no mercado de trabalho, são sujeitos de direitos, e querem exercer esses direitos através do estudo. Já matriculadas na EJA, há fatores que comprometem a frequência regular, como labores diários e o cansaço após a maratona diária de trabalho.

Segundo Pedroso (2010, p. 23):

O público atendido pela EJA é de pessoas que na idade regular não puderam estudar, ou por não se sentirem atraídos pelo conteúdo escolar acabaram deixando a escola. Isto acaba gerando uma exclusão dos indivíduos analfabetos dentro da sociedade e da própria escola. Muitos são os problemas que dificultam o ingresso de pessoas no ensino na idade regular, alguns destes problemas são: gravidez precoce, drogas, desinteresse, condições financeiras.

A partir das problematizações de Pedroso, podemos questionar também o currículo, pois este não é interessante o suficiente e com conteúdo instigantes, além de haver os problemas do cotidiano que fazem os estudantes da EJA evadirem-se do ambiente escolar, e especialmente, das turmas da EJA.

Essas mulheres destacam-se por sua determinação, consciência de seu protagonismo e perseverança, mesmo diante das múltiplas atribuições e do desgaste físico e emocional

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

decorrentes de suas responsabilidades acumuladas e do tempo limitado para realizar todas as atividades. Essa condição, contudo, não apaga seu sonho de projetar um futuro diferente. Elas reconhecem as barreiras e desafios que enfrentam, mas estão decididas a se posicionar na sociedade não como vítimas, e sim como protagonistas ativas de suas próprias histórias.

Além disso, o trabalho doméstico reduz significativamente o tempo disponível para outras atividades, como o estudo. Mesmo assim, em uma sociedade que valoriza o saber letrado, essas mulheres buscam a instrução para exercer protagonismo sobre suas vidas e experiências. Nas salas de aula, encontram-se mulheres de idades e trajetórias variadas, com diferentes experiências familiares, profissionais, crenças religiosas, históricos escolares e ritmos de aprendizagem, todos moldados pelo ambiente, pelas relações sociais e culturais, e por suas concepções de mundo.

Outro aspecto revelado na pesquisa é a crescente busca dessas mulheres pela participação em instituições e espaços públicos, onde exigem igualdade de oportunidades em escolarização e profissionalização em relação aos homens. Essa mudança reflete o impacto do desenvolvimento pós-industrial, que levou à inserção da mulher no mundo do trabalho com a modernização. Como bem afirma Simone de Beauvoir (1986): “É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem; somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.” Desse modo, pode-se inferir que, por meio da qualificação profissional e do trabalho, essas mulheres encontram um caminho para transformar suas vidas.

Essas mulheres persistem, enfrentando as imensas demandas e desafios impostos pelos afazeres diários, em sua busca por instrução, crescimento, renda e ascensão social. Muitas vezes, no entanto, são forçadas a abrir mão dos estudos em favor das necessidades da família. Ocupadas durante o dia, o único período que dispõem para estudar é à noite, sacrificando, assim, momentos de convivência familiar. Como descrevem Scherer e Santos (2021, p. 60): “Essa aluna, mãe, esposa, trabalhadora, busca na educação tardia ressignificar sua vida, sua relação com ela própria, com a família e com os outros.” Dessa forma, essa mulher-mãe-estudante vê na educação uma oportunidade de ressignificar sua vida, melhorar suas condições de trabalho e desenvolver seus valores e conhecimentos.

A análise desses pontos nos permite traçar um paralelo histórico, desde o período colonial até os dias atuais. Embora com lentidão, houve avanços no reconhecimento do direito à educação, que só foi garantido constitucionalmente em 1824, com a instrução primária gratuita para todos os cidadãos. Mulheres jovens e adultas da EJA, muitas vezes discriminadas por sua condição e aprisionadas pelas imposições de um sistema patriarcal, veem na modalidade de ensino noturno uma esperança de romper com as amarras da escassez e das limitações.



TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

A EJA somente será reconfigurada se esse olhar for revisto. Se o direito à educação ultrapassar a oferta de uma segunda oportunidade de escolarização, ou na medida em que esses milhões de jovens - adultos forem vistos para além dessas carências. Um novo olhar a ser construído, que os reconheça como jovens e adultos em tempos e percursos de jovens e adultos. Percursos sociais onde se revelam os limites e possibilidades de ser reconhecidos como sujeitos dos direitos humanos. Vistos nessa pluralidade de direitos, se destacam ainda mais as possibilidades e limites da garantia de seu direito à educação. Não se trata de secundarizar esse direito, mas de não o isolar dos tortuosos percursos de suas específicas formas de se realizar como seres humanos. A EJA adquire novas dimensões se o olhar sobre os educandos se alarga (Arroyo, 2011, p. 23).

A partir da citação de Arroyo (2011), podemos inferir que essas mulheres, embora com pouca instrução formal, demonstram uma perseverança admirável em relação à escolarização, apesar de muitas vezes serem forçadas a priorizar o trabalho em detrimento dos estudos. Mesmo com essas dificuldades, elas mantêm o objetivo de investir na educação como uma forma de adquirir capital cultural, reduzir desigualdades em relação aos homens e superar a dominação social que frequentemente as limita a subempregos sem garantias ou direitos formais. Buscam romper com o estigma de que mulheres pardas ou negras, com rendas de um salário-mínimo e idades entre 20 e 40 anos, não podem alcançar mobilidade social. Por isso, carregam o lema de seguir em frente sem fraquejar, seja qual for sua função - doméstica, cuidadora, manicure ou vendedora -, com o objetivo de concluir seu processo de escolarização e conquistar novas oportunidades.

As expectativas das mulheres/mães com a EJA

Com base nos artigos analisados, compreendemos que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é, de fato, um reflexo das mobilizações sociais e da luta por justiça educacional que se intensificaram ao longo do século XX, especialmente em períodos como a década de 1920, quando as disparidades educacionais começaram a ser mais visíveis. As publicações analisadas deixam claro que o movimento por uma educação mais inclusiva e acessível ganhou força durante o processo de redemocratização do Brasil, nos anos 1980 e 1990, período em que as políticas públicas passaram a tentar abraçar de forma mais ampla a população que estava à margem do sistema educacional, com destaque para as mulheres.

O retorno à escola das mulheres, especialmente na modalidade EJA, ainda enfrenta inúmeros desafios. Muitas vezes, essas mulheres lidam com uma jornada dupla ou tripla de trabalho, equilibrando a gestão do lar, o cuidado com os filhos e suas atividades profissionais.



TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

Como discutido por Eiterer, Dias e Coura (2014), a conciliação entre o trabalho doméstico, que é predominantemente não remunerado, e o trabalho remunerado, complica ainda mais a vida das mulheres que buscam escolarização na EJA. O trabalho doméstico, por sua natureza reprodutiva, tende a ser invisível e desvalorizado na sociedade, mas ele é uma das principais barreiras que essas mulheres enfrentam para alcançar uma educação formal, uma vez que as tarefas de cuidado e administração da casa se sobrepõem ao tempo dedicado aos estudos.

Essa dualidade no trabalho feminino, entre o remunerado e o não remunerado, configura uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres na atualidade. O trabalho doméstico, que tem sido historicamente associado à figura feminina, reflete as desigualdades estruturais que ainda existem nas relações de gênero. Mesmo com o avanço das políticas públicas e a ampliação das oportunidades educacionais, a carga de responsabilidades domésticas continua a ser uma limitação para a plena participação das mulheres nos processos educativos, especialmente no caso das que retornam à escola na modalidade EJA. Isso se deve ao fato de que muitas delas, além de trabalharem fora de casa, ainda precisam atender às demandas do lar, muitas vezes sem o devido apoio.

A LDB (Brasil, 1996), estabeleceu um marco importante ao garantir que a EJA fosse pautada pela realidade e pelas vivências dos alunos, reconhecendo que a experiência de vida de cada indivíduo deve ser incorporada ao processo educacional. No entanto, a efetiva implementação dessa abordagem continua a ser um desafio. A escola precisa estar atenta às especificidades do público da EJA, especialmente no que diz respeito às mulheres, que trazem consigo um conjunto de experiências e saberes adquiridos ao longo de suas vidas e que podem ser fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a parceria entre a escola e os alunos da EJA deve ser uma prática constante, de modo a construir um currículo que reflita as realidades dos estudantes, suas histórias e suas necessidades.

As mulheres que optam por retornar à escola, muitas vezes, estão em busca de um futuro melhor, desejando ascender social e economicamente. Conforme apontado por Eiterer, Dias e Coura (2014), a situação econômica de muitas dessas mulheres exige que elas procurem formas alternativas de contribuir para a manutenção de suas famílias, sendo a EJA uma opção para superar a barreira da baixa escolaridade, que as impede de acessar melhores oportunidades de trabalho. No entanto, o retorno à escola não é uma tarefa fácil, pois elas precisam enfrentar uma série de obstáculos, desde a conciliação entre as responsabilidades domésticas e familiares até as dificuldades de adaptação ao ambiente escolar, que muitas vezes não está preparado para lidar com as especificidades dos alunos da EJA.

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

As expectativas das mulheres da EJA revelam um desejo profundo de transformação. Elas não apenas buscam um diploma, mas também a possibilidade de mudança nas suas vidas e nas vidas de suas famílias. A educação, para elas, é vista como uma ferramenta essencial de emancipação, como um meio de alcançar novos horizontes e de conquistar um lugar mais igualitário na sociedade. Elas buscam melhorar sua autoestima, seu capital cultural e ampliar suas perspectivas profissionais, mas também almejam um papel social mais ativo e crítico. Ao ingressarem na EJA, essas mulheres não estão apenas se escolarizando, mas estão reivindicando seus direitos e se posicionando como protagonistas de suas histórias.

Essa busca por emancipação vai além do simples acesso ao conhecimento formal. Elas estão combatendo, por meio da educação, a estrutura patriarcal que historicamente tem limitado suas opções de vida. A educação é uma das principais formas de resistência ao sistema que as subordina e as limita ao espaço privado e familiar. Como observou Gilberto Freyre (1961), a sociedade patriarcal sempre tratou a mulher como um ser inferior, atribuindo-lhe um papel restrito e moralista, limitado ao cuidado da casa e à satisfação dos desejos do homem. No entanto, ao buscar a escolarização por meio da EJA, as mulheres estão, simbolicamente, rompendo com essas amarras e reescrevendo suas trajetórias.

O regime patriarcal, com sua visão dicotômica de gênero, ainda está presente em muitas dimensões da vida social. No entanto, as mulheres da EJA estão desafiando essas normas e visões, construindo, em muitos casos, novas formas de ser e agir na sociedade. Elas têm sido cada vez mais ativas nos espaços públicos e educacionais, e isso reflete um movimento crescente de empoderamento feminino, em que a educação se coloca como um elemento fundamental de transformação.

Em um contexto social onde as mulheres ainda enfrentam desafios significativos em suas trajetórias profissionais e familiares, a educação continua sendo a principal ferramenta de emancipação. Elas não estão mais apenas aceitando seu papel tradicional, mas sim, por meio da educação na EJA, estão exigindo que seus direitos sejam respeitados, reivindicando o direito de serem reconhecidas como agentes de mudança, capazes de influenciar seu próprio destino e o da sociedade.

Em síntese, a modalidade de EJA surge como uma oportunidade real de transformação para essas mulheres, proporcionando-lhes a chance de superar as barreiras impostas pela desigualdade social e de gênero. O retorno à escola é mais do que uma ação de escolarização; é um ato de resistência e de busca por autonomia, é um movimento que vai além da simples aquisição de conhecimento, pois permite às mulheres da EJA romperem com os ciclos de subordinação e desigualdade. Essas mulheres, que antes eram vistas como sujeitas ao cuidado

e ao trabalho reprodutivo, estão se reinventando e ocupando um novo lugar na sociedade, por meio da educação e do empoderamento.

Considerações finais

As mulheres que buscam a Educação de Jovens e Adultos (EJA) são exemplos de resistência e coragem. Elas são diversas em suas trajetórias, mas possuem algo em comum: a busca incessante por transformação e autonomia. Lutadoras incansáveis, elas carregam em seus ombros as responsabilidades da vida familiar e profissional, muitas vezes lidando com jornadas de trabalho exaustivas e com a pressão de cuidar de seus filhos, de sua casa e ainda encontrar forças para estudar. Embora o caminho seja árduo, essas mulheres não se deixam vencer pelas dificuldades. Ao contrário, buscam na educação uma ferramenta de transformação, sonhando com um futuro melhor e com a possibilidade de quebrar as barreiras impostas pela sociedade.

A EJA, nesse sentido, representa mais do que uma simples oportunidade de completar a escolarização. Para essas mulheres, ela é um meio de ascensão social, de conquista de um capital cultural que, além de proporcionar qualificação profissional, também confere respeito e dignidade. Essas mulheres se entregam ao estudo, muitas vezes sacrificando outras prioridades pessoais, porque sabem que o esforço que fazem agora resultará em uma mudança significativa para suas vidas e para a vida de suas famílias. A educação se torna, portanto, uma ferramenta essencial para que elas possam alcançar seus sonhos de liberdade, autonomia e igualdade. Portanto, a formação continuada do professor é essencial para enxergar o potencial que há na educação, como o lugar de emancipação e libertação dos estudantes (Cruz; Menezes; Coelho, 2021; Cruz; Moura; Menezes, 2021; Santos; Cruz, 2023).

O papel da mulher no mundo do trabalho e sua conciliação com a escolarização, tema central desta pesquisa, nos leva a refletir sobre a complexidade da vida dessas mulheres. Elas não são apenas trabalhadoras informais ou chefes de família; são também mulheres que lutam por sua emancipação. No contexto atual, o retorno à escola é uma das formas mais efetivas que essas mulheres encontram para lutar contra a desigualdade social e de gênero, para reescrever suas próprias histórias e alcançar novos horizontes.

As mulheres da EJA, muitas vezes, enfrentam desafios cotidianos como cuidar da casa, dos filhos, trabalhar fora e ainda ter que encontrar um tempo para o estudo. No entanto, mesmo diante de tantas responsabilidades, elas não desistem de seus objetivos. A motivação para o retorno à escolarização, como apontado por Eiterer, Dias e Coura (2014), vem da necessidade

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

de melhorar sua condição de vida e de garantir um futuro melhor para suas famílias. Elas buscam no conhecimento a chave para transformar suas realidades, superando as limitações impostas pela falta de escolaridade e pelas desigualdades estruturais.

A jornada de cada mulher da EJA é única, mas todas têm em comum o desejo de romper com o ciclo de pobreza e subordinação. Muitas delas são mães, negras ou pardas, e vêm de famílias de baixa renda, onde a escolarização não foi uma prioridade. Mesmo assim, essas mulheres, que enfrentam um conjunto de desafios diários, buscam na educação uma maneira de se emancipar. Elas sabem que o estudo é a porta de entrada para novos horizontes e para a ascensão social, um caminho para alcançar uma vida mais digna e para garantir o respeito que todos merecem.

A educação, para essas mulheres, é mais do que um direito, é um instrumento de transformação. É uma forma de construir uma nova identidade, de ser vista e ouvida em uma sociedade que muitas vezes as silencia. A EJA oferece a essas mulheres a possibilidade de acesso ao conhecimento e à informação, mas também permite que elas se reconheçam como sujeitos capazes de moldar o próprio destino. É um espaço de socialização, onde elas podem fortalecer suas capacidades e aumentar sua autoestima, sentindo-se valorizadas em sua trajetória e conquistas.

Leão (2006) nos lembra que a escola é um ambiente em que se entram em ação valores, projetos de vida e expectativas. Para as mulheres da EJA, o retorno à escola é, portanto, uma experiência de reconfiguração pessoal, onde elas encontram motivação para continuar e enfrentar as desigualdades sociais que ainda persistem em nosso país. O conhecimento adquirido na escola se torna uma chave para a transformação pessoal, mas também para a transformação da sociedade como um todo.

Essas mulheres, ao adentrar no mundo dos saberes, desafiam as imposições sociais de gênero que historicamente as relegaram ao espaço doméstico e privado. Elas quebram os estereótipos impostos pela sociedade patriarcal, que as vê como inferiores ou como tendo uma função apenas dentro de casa. A busca pela educação, para elas, não é apenas uma questão de ascensão individual, mas também uma forma de questionar e subverter os papéis tradicionais de gênero que ainda determinam o que é ou não possível para uma mulher.

De acordo com Alves (2006), as relações desiguais de gênero, seja no âmbito familiar ou social, são fundamentais nos processos de dominação. Essas relações de poder, fundamentadas na dominação masculina e na submissão feminina, muitas vezes são naturalizadas e invisíveis. No entanto, ao ingressar na EJA, essas mulheres não apenas buscam conhecimento, mas também lutam contra essa dominação. Elas estão conquistando, de forma



TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

gradual, o seu lugar no mundo, não mais limitadas pelas expectativas sociais de que seu lugar é na esfera privada.

A EJA, portanto, surge como uma ferramenta de resistência e emancipação. Ela oferece a essas mulheres uma oportunidade de conquistar um futuro melhor, baseado no conhecimento, na qualificação e na autonomia. Ao oferecer a possibilidade de acesso à educação para aqueles que não conseguiram concluir seus estudos na idade regular, a EJA também contribui para a redução das desigualdades sociais e de gênero, permitindo que as mulheres desempenhem papéis mais ativos na sociedade e no mercado de trabalho.

Por fim, podemos concluir que a trajetória dessas mulheres da EJA é uma demonstração de resiliência e superação. Elas são agentes de transformação, não apenas para si mesmas, mas também para suas famílias e comunidades. A EJA não é apenas uma oportunidade de completar a escolarização, mas uma ferramenta poderosa para que essas mulheres possam se libertar das amarras do patriarcado, conquistar sua autonomia e redefinir seu papel na sociedade. A educação se torna, assim, um caminho para a construção de um futuro mais justo, igualitário e livre.

Referências

ALVES, Francisca Elenir. **Mulheres trabalhadoras, sim**. Alunas, por que não? Estudo sobre gênero, trabalho e educação na Bahia. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2006.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1984.

ARROYO, Miguel González. **Uma escola para jovens e adultos: reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da proposta de Reorganização e Reorientação curricular**. São Paulo, 2003.

ARROYO, Miguel González. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares?. **Revej@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos**. v. 1, p. 5-19, 2005.

ARROYO, Miguel González. Juventude, produção cultural e Educação de jovens e adultos. *In*: SOARES, Leôncio; GIOVANETT, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ARROYO, Miguel González. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade Pública. *In*: SOARES, Leôncio; GIOVANETT, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens Adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 19-50.



BARRETO, Maria Claudia Mota dos Santos; MUSIAL Gilvanice Barbosa da Silva. Mulheres da Classe trabalhadora na EJA: processos de conciliação escolar e laboral. **Trabalho necessário**, Niterói, v. 19, n. 40, p. 216-238, set./dez., 2021. <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/50714>. Acesso em: 18 ago. 2024.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasil: Câmara Legislativa, 1996.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasil: Câmara Legislativa, 2024.

COSTA, Kerolin Edinete da. **Mulheres Estudantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**: trajetórias familiares, escolares e laborais e as estratégias para lidar com uma tripla jornada. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CRUZ, Veida Allegra Ribeiro; CRUZ, Neilton Castro da. Mulheres e EJA: Os desafios e as condições de ser mulher e estudante na Educação de Jovens e Adultos. **Abatirá-Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 1, n. 2, p. 503-525, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/9609>. Acesso em: 8 set. 2024.

CRUZ, Lilian Moreira; MENEZES, Cláudia Celestes Lima Costa; COELHO, Lívia Andrade. Formação continuada de professores/as da Educação Infantil num contexto pandêmico: reflexões freirianas. **Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, v. 17, n. 47, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9426/6123>. Acesso em: 18 set. 2021.

CRUZ, Lilian Moreira; MOURA, Edite Marques de; MENEZES, Cláudia Celestes Lima Costa. Contributos freirianos para Formação Continuada de professores/as em contexto de pandemia. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 2, n. 5, p. 1-16, jul./set., 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/9194>. Acesso em: 1 out. 2021.

EITERER, Carmem Lúcia; DIAS, Jacqueline D'arc; COURA, Marina. Aspectos da escolarização de mulheres na EJA. **Perspectiva (UFSC)**, v. 32, n. 1, p. 161-180, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v32n1p161>. Acesso em: 1 out. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio- INL, 1961.

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E
RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

GAULEJAC, Vincent de; TABOADA-LEONETTI, Isabel. **La lutte des places**. Paris: Hommes et Perspectives, 1994.

GOMES, Elisama da Paixão. **Um estudo sobre as trajetórias escolares e o exercício laboral das Trabalhadoras Estudantes da EJA**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

IBGE. **Mulher no mercado de trabalho**: perguntas e respostas. Pesquisa Mensal de Emprego. 8 de março de 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendiment/o/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf. Acesso em: 28 set. 2019.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 1, p. 31-48, jan./abr., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a03v32n1>. Acesso em: 28 set. 2019.

MOREIRA, Josinéia dos Santos. **Docência na educação de jovens e adultos**: um olhar sobre a formação dos professores na perspectiva multicultural. Curitiba: Editora CRV, 2022.

MOURA, Dante Henrique. Reflexões sobre ética, estado brasileiro e educação. **Holos**, Ano 22, p. 4-18, maio, 2006. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/83/87>. Acesso em: 28 set. 2019.

PACHECO, Claudia Bezerra. Sem dar tempo aos sonhos: ocupação e exclusão social da mulher em Natal – RN. *In*: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 11, Belo Horizonte. **Anais [...]**, 11, Belo Horizonte: ABEP, 1998. p. 973-982.

PAUGAM, Serge. **La desqualification sociale**: essas surlá Nouvelle pauvrette. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

PEDROSO, Sandra Gramilich. Dificuldades encontradas no processo de educação de jovens e adultos. *In*: Congresso Internacional da Cátedra Unesco de Educação de Jovens e Adultos, 1, 2010, João Pessoa. **Anais [...]**, João Pessoa: UFPB, 2010. p. 1-9.

REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. **A inserção dos egressos da educação popular na escola pública**: tensão entra regulação e emancipação. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SANTOS, Alexandre José dos; CRUZ, Lilian Moreira. Recomposição das aprendizagens na Educação Básica: estratégias pós-pandemia. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 4, n. 11, p. 1-21, jan./dez., 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/12742>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SCHERER, Ana Lúcia; SANTOS, Rita de Cássia Greccodos. O retorno da mulher a sala de aula Educação de Jovens e Adultos: desafios/perspectivas. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 3, n. 3, p. 37-51, 2021. Disponível em:



TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES MÃES NA EJA: AUTONOMIA, ENTRENTAMENTOS E
RESISTÊNCIA COTIDIANA

Ana Cláudia de Jesus • Lívia Andrade Coelho

<https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/15>. Acesso em: 8 set. 2024.

SOARES, Leôncio; GIOVANETT, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOBRE AS AUTORAS

Ana Cláudia de Jesus. Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC.

Lívia Andrade Coelho. Doutora em Educação (UFBA), Professora Plena no Departamento de Ciências da Educação, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação/UESC. Vice-líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Comunicação e Educação – GEPECE. Integrante do Grupo de Pesquisa Paulo Freire – GEPPAF/UESC. Integra o Programa Coletivo Paulo Freire/UESC. <http://lattes.cnpq.br/5458336292373255>

Como citar

JESUS, Ana Cláudia; COELHO, Lívia Andrade. Trajetórias e desafios de mulheres mães na EJA: autonomia, enfrentamentos e resistência cotidiana. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 5, n. 12, p. 1-20, 2024.

